



Ensino de Sociologia em Debate

Revista Eletrônica: LENPES-PIBID de Ciências Sociais - UEL

VIOLÊNCIA COMO LINGUAGEM: ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO E AS POSSIBILIDADES DE COMPREENSÃO DO CONCEITO

João Marcos Camargo Nalli¹

RESUMO

Neste artigo analisaremos a violência como uma forma de linguagem, ou seja, como um meio de comunicação. Buscamos em alguns autores, tais como: Freud, Foucault, Arendt e Freire as possibilidades de compreensão das violências e dos seus significados, com ênfase nos fenômenos da educação escolar. A intenção desse artigo é a análise dessas bibliografias que estudaram diretamente ou indiretamente a violência. Em Foucault analisaremos sua perspectiva de poder dentro das prisões, mas iremos invés disso analisar como essa prisão se assemelha a escola, e assim analisar a violência de forma institucional. Com Arendt continuaremos a abordar essa institucionalização da violência, mas também como é a relação entre indivíduos, entre agressor e vítima. Finalizando com Freire, vamos reparar na violência como uma questão cíclica, isto é, quando os atos violentos acabam não apenas causando danos como também outros atos violentos, em outras palavras o agressor ao violentar o oprimido invés de criar uma relação única entre vítima e agressor, cria outro agressor que irá atrás de outra vítima, oriunda de um sistema opressor e capitalista, que influencia os indivíduos a cometerem violência em prol de seus status. E por fim, apresentamos toda análise retirada desses autores na conclusão, onde mostramos a complexidade da violência, e seus diversos significados, assim mostrando e influenciando futuras pesquisas.

Palavras-chave: Violência; Linguagem; Educação.

INTRODUÇÃO

A agressão entre colegas, entre professores, entre alunos e professores, o *bullying*, os linchamentos, os xingamentos são algumas formas de violências, expressas na relação entre vítimas e agressores no campo escolar. É através dessas

¹ Licenciado em Ciências Sociais; Especialista em Ensino de Sociologia-UEL. Atualmente exerce a função de auxiliar de serviços gerais – SEED-PR. Contato: joaomcn@hotmail.com.br

ações, e da minha experiência pessoal de vida, como estudante e de trabalho dentro da escola que surgiram diversos questionamentos.

Por isso decidi iniciar essa pesquisa, não para entender a violência como um mal na sociedade ou entendê-la através do ponto de vista da vítima, mas entender a violência como uma ação social e humana. Em outras palavras, entender a violência como inerente a algumas das pulsões do ser humano, sem valorar em termos de “mau” ou “bem”, avaliando essas ações com termos moralistas, mas pensar a violência em outro patamar, mais teórico, entendendo o seu significado como *ação* para aquele que comete o ato, ou seja, para o agressor o que significa ou o que levou a cometer o ato violento. É uma pesquisa que acima de tudo trata dos significados dos atos violentos dos seres humanos, como se essas ações carregassem uma mensagem, como se a violência fosse um meio de comunicação, ou de modo mais geral uma forma de linguagem. “Ser capaz de colocar-se no lugar do ator é importante para a clareza da compreensão, mas não é condição prévia absoluta para a interpretação do sentido.” (WEBER, 1987, p.10)

Então, nesse artigo, primeiramente, se tomará a linguagem como forma de comunicação, ou seja, o meio que dois indivíduos interagem entre si para transmitir significados e mensagens.

A violência nesse texto será tratada como uma ação social, uma ação social foi primeiramente introduzida pelo sociólogo e pensador Max Weber (1987), como uma ação “[...] cuja intenção fomentada pelos indivíduos envolvidos se refere à conduta de outros, orientando-se de acordo com ela” (WEBER, 1987, p.9).

As violências que podem ser consideradas como ações sociais são múltiplas, desde agressões físicas, até verbais, às vezes até do indivíduo contra si mesmo. “[...] a ação em questão pode ser designada como parte de uma sequência compreensível de emoções. Tal compreensão pode ser aceita como uma explicação verdadeira do curso real da ação” (WEBER, 1987, p.16). É através desse entendimento que exploraremos não apenas os atos, mas também os significados que eles carregam. Em termos mais simples a violência como meio de levar uma mensagem, ou então a violência como forma de linguagem.

Para analisar o objeto recorro a uma das instituições mais importante para a sociedade moderna e urbana: a escola. Um ambiente rico em diversidade de ideias e um campo cheio de conflitos. Existe também a diversidade de pessoas, com origens,

culturas e experiência de vida, diferentes umas das outras. Toda essa riqueza localizada em um único ambiente e que pretendemos pesquisar posteriormente.

Nesse sentido calibrar a teoria para essa incursão investigativa pareceu-nos promissora com a leitura de bibliografias que estudaram a violência na escola e os autores que estudaram a violência direta ou indiretamente.

Autores como Michel Foucault, Hannah Arendt e Paulo Freire, mostraram-se instigantes para formular questões e possíveis respostas reelaboradas ao longo da pesquisa. Esses autores ajudaram a entender o que significa violência, e também o que seria a linguagem, e como esses dois objetos se relacionam. Por exemplo: com as noções freudiana e do pensamento hobbesiano, determinamos que a violência é inerente à natureza humana. Com Foucault, Arendt e Freire entendemos a violência não apenas como ação individual, mas, também institucional. As formas que a violência assume como linguagem dependem das formas de dominação que geram máquinas cognitivas de reprodução das opressões geradas nas formas de dominação de cada estágio da história antiga e moderna. Os autores mobilizados tratam da violência institucional, racional e organizada nas sociedades capitalistas, modernas e desiguais estruturalmente.

DEFININDO TERMOS

Começamos com a seguinte frase: *Lupus est homo homini lupus*, ou seja, “o homem é o lobo do próprio homem”, descrito primeiramente pelo dramaturgo Tito Mácio Plauto, para depois ser popularizado pelo filósofo Thomas Hobbes. Em seu livro *Do Cidadão*, de 1642, Hobbes descreve muito bem essa relação do homem com seus instintos e da violência como parte de sua natureza. Com base nesse princípio posso admitir que não apenas a sociedade influencia o homem, como sua natureza também influencia a sociedade, ou, pelo menos, como irão se relacionar com o meio social.

Em Freud percebe-se a presença de duas entidades distintas dentro da mente humana, a de *Eros*, representante da pulsão de vida, e *Tânatos*, que representa uma pulsão de morte. “Há nos seres não só a pulsão de vida, mas também a pulsão de morte” (GAY, 1989, p. 363). Portanto de acordo com Freud existem nos seres humanos instintos que pendem para a vida como para a morte. Isso demonstra que a violência faz parte do ser humano, de forma instintiva, ou seja, a violência é parte das várias pulsões e disposições do ser humano.

A noção de violência nesse artigo filia-se a uma visão antropológica, filosófica e sociológica. Nesse sentido não se trata de atribuir-lhe valor ruim, primitiva ou má ou boa, moralmente falando. Nosso propósito é o de distinguir o significado da violência como ato e as consequências de determinada ação. Ou seja, a violência não é boa, porém ela não pode ser vista necessariamente como má. Essa definição é a primeira parte que se distingue como a pulsão de morte será usada na pesquisa e como ela é diferente das noções apresentadas por Freud, na perspectiva psicanalítica.

Em Freud, as pulsões de vida e morte estão em eterno combate, uma tentando anular a outra, sempre tentando sobressair sobre a outra. “O resultado foi sua concepção de duas forças belicosas elementares na mente, Eros e Tânatos, travando um combate eterno” (GAY, 1989, p. 368). Novamente isso mostra que a humanidade tem a capacidade de cometer ações boas como ações ruins, violentas, agressivas, e tudo isso de acordo com seus instintos primários, como se fizesse parte do ser humano ser violento. “Ele considerava a compulsão à repetição como uma atividade mental extremamente primitiva, exibindo um caráter ‘instintivo a um alto grau’” (GAY, 1989, p. 368).

Outra característica que se distingue das noções de Freud é que não consideraremos as pulsões como separadas e antagônicas, poderemos perceber que em certas ações ambas as pulsões se apresentam e se complementam. Por exemplo: o ato de se tatuar, é um ato violento, pois há a perfuração da carne sendo utilizadas agulhas pelo tatuador, porém é um ato violento dentro da perspectiva de alcançar um bem, pois aquele que se tatua permite seu corpo a sofrer a dor para se tornar mais desejável para o indivíduo, podendo ser analisada como uma desconstrução para alcançar a reconstrução. Esse exemplo ajuda-nos a demonstrar a nossa posição de que o significado de violência passa também pela cultura, pela relação e pelos atos que são aceitos ou não dentro dos grupos sociais. Um corpo tatuado “agride” o olhar de grupos sociais que atribuem valores negativos a essa ação, muitas vezes associadas à rebeldia, a usuários de drogas, presidiários, enfim, aos marginalizados. Ou a simples repulsa em pensar na dor que o indivíduo que tatuou sentiu.

E há também exemplos de pulsões de vida que causam a destruição mesmo que seja sem intenção, é o caso do consumo de drogas, afinal muitos jovens se utilizam desses elementos para se enturmar ou causar um bem-estar, porém essa busca por aceitação ou bem-estar é substituída por outra, a do vício, a da destruição

do corpo. Isso mostra como as pulsões são ambíguas e nem sempre representam o que Freud em suas análises havia previsto.

Em um estudo realizado por Piccoli, Lena, Gonçalves (2019), a violência está não só contida nos seres humanos, mas também é um reflexo da sociedade, assim pode-se dizer que a sociedade é um reflexo da mentalidade humana da mesma forma que a mentalidade humana é um reflexo da sociedade.

Para definir agora o significado de linguagem, partiremos da filosofia de Cassirer (1985) que como uma busca do simbolismo; sendo um neokantiano, e crítico da cultura, Cassirer (1985), decide ver o homem além de sua racionalidade, o homem é caracterizado por sua capacidade de analisar e observar símbolos, estes podendo ser físicos ou não, servem como guias para o conhecimento humano. “O homem procura notas características porque delas necessita, porque sua razão, sua faculdade específica da ‘atribuição de sentido’, as exige” (CASSIRER, 1985, p. 50).

Em *Linguagem e mito* (1985) Cassirer demonstra o que conecta a língua e o mito, ambos necessários para o ser humano entender o mundo a sua volta, além de mostrar o aspecto antropológico da filosofia de Cassirer. “O que nos induz a reunir estes dois tipos de conceitos, o linguístico e o mítico, em um só ‘gênero’ independente e a distingui-los dos conceitos lógicos é antes de tudo, a circunstância, de que em ambos parece manifestar-se uma mesma classe de apreensão intelectual, que se contrapõe a nossos processos do pensar teórico.” (CASSIRER, 1985, p 51). Ou seja: antes do homem acessar sua racionalidade, ele deve conhecer o mundo, mas como o mundo é desconhecido, é através da associação de símbolos e mitos que vai se alcançando esse conhecimento.

O desafio era o de conectar língua e mito, e para Cassirer (1985), ambos estavam conectados, afinal de acordo com ele: “Todo conhecer teórico parte de um mundo já informado pela linguagem, e tanto o historiador, quanto o cientista, e mesmo o filósofo, convivem com os objetos exclusivamente ao modo como a linguagem lhos apresenta” (CASSIRER, 1985, p. 48). A linguagem permite uma visão sobre o mundo, e entendê-lo. Agora é necessário entender que a linguagem não está presa apenas à visão ocidental da escrita, afinal está na comunicação, nas imagens, nas lendas e nos mitos contados, ou seja, a linguagem é maior que a palavra escrita ou falada. “Os dois juntos preparam o terreno para as grandes sínteses, das quais surgem uma textura de pensamento, uma visão conjunta do cosmo” (CASSIRER, 1985, p 62).

MICHEL FOUCAULT: O PONTO DE VISTA DESDE A NOÇÃO DE PODER

Antes de descrever esses atos, deve-se lembrar que essas formas de violência por mais que estão sendo descritas assim, elas não significam que não sejam males necessários, um exemplo clássico é o uniforme escolar. Entendemos que o uniforme para Foucault (1987) é um jeito da instituição manter controle sobre o indivíduo e assim eliminando a individualidade e criatividade humana presente. No entanto, sabemos que o uniforme pode ser um “mal necessário”, uma vez que é, aparentemente, a única forma que a escola tem de identificar e controlar de algum modo aqueles que ingressam no espaço escolar, permitindo ou não a sua entrada.

Antes de iniciar o entendimento da obra de Foucault (1987), deve ter consciência da sua filosofia: não sobre violência mas sim sobre poder. É preciso entender isso, para que não ocorra o engano que a filosofia foucaultiana é sobre violência para alcançar o poder, deve-se então entender que violência e poder são dois polos sociais totalmente distintos mas podem estar conectados, portanto nem toda forma de poder recorre à violência, e nem toda violência significa um modo de obter poder. O mesmo deve ser entendido sobre as prisões, já que a prisão pode ser vista tanto como instituição em que ocorre as punições, ou a prisão como a própria punição.

Foucault (1987) inicia sua obra, *Vigiar e punir* mostrando a evolução das penas de acordo com a história, através das transformações no direito e no meio social. A primeira impressão que surge das punições é que inicialmente, elas servem como um espetáculo; um teatro perverso e bárbaro. “De um lado, supressão do espetáculo punitivo.” (FOUCAULT, 1987, p. 14). Independente do desfecho dessa barbárie, da violência imposta pode-se retirar dois significados: um ato violento para humilhar o criminoso e ao mesmo tempo dar prazer ao público, como também é uma violência psicológica, já que mostra ao público o que pode vir acontecer caso um deles quebrassem a lei.

É com a transformação das penas que essas formas de violência vão adquirindo mais significados e perspectivas, e com essas modificações se afasta do modo antigo e horrendo de se aplicar a pena. De certo modo as prisões e as penas, e as violências também, vão adquirindo uma característica administrativa, se tornando mais burocráticas. “O cerimonial da pena vai sendo obliterado e passa a ser apenas um novo ato de procedimento e administração” (FOUCAULT, 1987, p. 14). Pode ser

considerado uma forma de humanização. “Hoje existe a tendência a desconsiderá-lo; talvez, em seu tempo, tal desaparecimento tenha sido visto com muita superficialidade ou com exagerada ênfase como ‘humanização’ que não autorizava a analisá-lo” (FOUCAULT, 1987, p. 13). Mas também pode ser considerada uma forma de tornar a punição ou a violência contra o réu mais indireto, é como se os jurados estivessem lavando suas mãos, mas ainda que indiretamente influenciassem na violência contra o réu. “Por essa razão, a justiça não mais assume publicamente a parte de violência que está ligada a seu exercício” (FOUCAULT, 1987, p. 15).

As evoluções das penas, contudo, não excluem as violências físicas, ou como descreve Foucault as punições sobre o corpo; essas violências serviram para humilhar ou submeter os indivíduos: guerra entre gangues, luta entre os prisioneiros, solitárias, estupros, assassinatos entre outros. “Porém castigos como trabalhos forçados ou prisão – privação pura e simples da liberdade – nunca funcionaram sem certos complementos punitivos referente ao corpo: redução alimentar, privação sexual, expiação física, masmorra” (FOUCAULT, 1987, p. 20). Portanto as evoluções das penas não excluem as penas físicas e as violências que as carretam, mas sim apenas as evolui, as transformam e dão novos significados, é como se a violência física fosse inevitável dentro dos presídios. “Na realidade, a prisão, nos seus dispositivos mais explícitos, sempre aplicou certas medidas de sofrimento físico” (FOUCAULT, 1987, p. 20).

Apesar de a prisão ser para Foucault (1987) uma instituição que expõe poder, ela também é uma instituição de violência, e não apenas física como também moral e psicológica. Começando por tratar o indivíduo como um ser quebrado, como um divergente da sociedade, isso trata que nem toda ação, numa sociedade livre, que defende a liberdade individual, é aceitável. Então o ser humano não é totalmente livre, claro que não estamos interessados nas características do crime que levou o indivíduo a ser encarcerado, apenas como o cárcere vê o indivíduo. Dentro da prisão são retirados seus direitos como liberdade, individualidade, tudo que afete sua construção moral, pois o indivíduo como um divergente não tem moral e deve ser reconstruído, e isso afeta sua integridade moral. Enquanto indivíduo preso está sujeito à violência física tanto dos guardas que estão apenas seguindo ordens. Mas não negamos a presença de prazer no ato caso haja evidências, quanto também de outros membros encarcerados. “A prisão fabrica também delinquentes impondo aos detentos limitações violentas; ela se destina a aplicar as leis, e a ensinar o respeito por elas;

ora, todo o seu funcionamento se desenrola no sentido do abuso de poder.” (FOUCAULT, 1987, p.235)

Nessa pesquisa não focaremos nas prisões, mas focaremos em outra instituição que se assemelha, principalmente em sua visão de que seus integrantes são divergentes e precisam ser educados e construídos; a escola. Portanto a escola e a prisão detêm o mesmo sentido social, o de reeducar ou educar os indivíduos. “É preciso então que lhe seja reensinado” (FOUCAULT, 1987, p. 96). E a própria construção da escola, principalmente a pública que se assemelha a uma prisão, os uniformes, as câmeras de vigilâncias, e até as punições.

HANNAH ARENDT: A VIOLÊNCIA NORMATIZADA NO EXERCÍCIO DA LEI

Dando continuidade, há uma cultura de violência na sociedade, nos meios eletrônicos como jogos, ou outros setores da mídia, como em filmes e programas jornalísticos; a violência que já faz parte do ser humano, ou seja, todo indivíduo tem a capacidade de cometer violência, ela agora se torna comum, fazendo parte do dia a dia do ser humano, e em contrapartida o ser humano reforça a possibilidade de resolver seus conflitos e problemas através de atos violentos, sejam de diversas formas. É o que Arendt (1999) denomina “banalidade do mal”, ou seja o a violência se torna tão presente que chega ao ponto de ser normal cometer o ato violento, é preciso dentro dessa cultura da violência entender a linguagem que ela utiliza.

Para explicar a violência como integrante de um sistema, ou da mentalidade das pessoas, recorreremos à filósofa Hannah Arendt (1999) em sua análise do julgamento do nazista Eichmann. Antes de tudo não é porque estamos analisando o julgamento de um nazista, que associamos todos os seres humanos com essa ideologia extremista, mas se em condições normais associamos nazismo e violência com o mal, então podemos considerar que todo ato violento é extremo, e considerando isso recorreremos à análise de Arendt (1999) para explicar a violência quando ela está ligada a um sistema de Estado, como também analisar como o agressor vê o ato violento quando este se torna legal, funcional e interessante.

Talvez devêssemos começar essa análise resumidamente explicando o que significa a “banalidade do mal” e como isso interfere na capacidade do indivíduo de raciocinar. Na verdade, o mal se torna normal em certos momentos, e isso acarreta

uma série de ações que seriam moralmente más ou ruins, mas que acabam perdendo esse poder moral, e o mal assim se torna norma, e não mais um sinal de anomia.

Ou seja, o primeiro ato violento não é sobre uma pessoa, mas a própria noção de moral, e através disso o segundo ato de violência se dirige à identidade. Como no Estado nazista, hoje, seja dentro do Estado ou dentro da escola, surge uma agressão à moral e à identidade das pessoas. Percebemos isso quando dentro da escola, por exemplo, surge um aluno que se torna inimigo de outros alunos, por ele ser diferente, seja fisicamente, sexualmente, ou seja, esse aluno se torna um anormal, um *freak*. E isso acontece porque anteriormente os outros alunos se definem normais, mesmo que moralmente isso seja errado, então há um autoataque, ou seja, todo indivíduo tem moral, mas prefere atacar a moral que constitui esse indivíduo e se torna um indivíduo como se fosse amoral.

E explicou que, a partir do momento que fora encarregado de efetivar a Solução Final, deixara de viver segundo os princípios kantianos, que sabia disso e que se consolava com a ideia de que não era mais 'senhor de seus próprios atos', de que era incapaz de 'mudar qualquer coisa'. O que não referiu à corte foi que 'nesse período de crime legalizado pelo Estado', como ele mesmo disse, descartara a fórmula kantiana como algo não mais aplicável (ARENDETT, 1999, p. 153).

Dentro da escola há a enorme presença do *bullying*, uma violência que ataca principalmente a identidade e torna sua vítima passiva, muito semelhante ao que os nazistas fizeram com aqueles que eles denominaram inimigos. "Eles sabem que o sistema consegue destruir suas vítimas antes que elas subam ao cadafalso[...] é incomparavelmente melhor para manter todo um povo em escravidão. Em submissão" (ARENDETT, 1999, p. 22).

Mas se questionarmos os agressores, sejam eles praticantes do *bullying* ou apenas praticam a violência como brincadeiras de guerra, ou brincadeiras que envolvem tapas e socos, eles dirão que são apenas isso, brincadeira, e não atos maléficos de pessoas ruins. E de fato não são pessoas ruins, ou, pelo menos, não se veem como pessoas ruins, mesmo que muitas vezes seus atos digam o contrário. Isso mostra a ação da "banalidade do mal", onde o mal não é necessariamente mal, mas, ainda assim, mesmo sendo moralmente duvidoso, são atos que são vistos como necessários. "Isso era importante, porque os assassinos não eram sádicos ou criminosos por natureza; ao contrário, foi feito um esforço sistemático para afastar todos aqueles que sentiam prazer físico com o que faziam" (ARENDETT, 1999, p. 121).

Esses jovens que agredem por brincadeira apenas estão agindo porque há uma construção social que torna a agressão como normal, ou como necessária. No documentário “*The mask you live in*” (2015) demonstra que muitos meninos apenas agem de modo violento porque cresceram ouvindo que para serem homens de “verdade” é necessário agir com violência, pois a violência é um estágio natural e sexual do gênero masculino, isso demonstra que a construção social aceita a violência em certos casos; entretanto nessa pesquisa não assumiremos a violência apenas dentro do gênero masculino, mas uma questão humana, dentro de todos os aspectos humanos, mesmo que seja tão diverso.

A defesa aparentemente teria preferido que ele se declarasse inocente com base no fato de que, para o sistema legal nazista então existente, não fizera nada errado; de que aquelas acusações não constituíam crime, mas ‘atos de Estado’, sobre os quais nenhum outro Estado tinha jurisdição (*par in parem imperium non habet*) de que era seu dever obedecer e de que, nas palavras de Servatius, cometera atos pelos quais “somos condecorados se vencemos e condenados à prisão se perdemos” (ARENDDT, 1999, p. 32-33).

Essa análise demonstra duas coisas: primeiro é que o agressor não é definido pelo ato violento, mas sim sua vítima, sua vítima dá significado à sua violência, e o ato violento explica mais o agressor que o agressor sua violência. “Incidentalmente, uma das características dos nazistas era a disposição de fundar museus celebrando seus inimigos.” (ARENDDT, 1999, p. 49). Segundo, que há o que Arendt (1999) denominou autoengano, ou seja, essa violência não é totalmente irracional, ela tem uma razão, um porquê de existir, de ser necessária, mesmo que isso rompa as barreiras morais.

Mas a prática do auto-engano tinha se tornado tão comum, quase um pré-requisito moral para a sobrevivência, que mesmo agora, dezoito anos depois do colapso do regime nazista, quando a maior parte do conteúdo específico de suas mentiras já foi esquecido, ainda é difícil às vezes não acreditar que a hipocrisia passou a ser parte integrante do caráter nacional alemão. Durante a guerra, a mentira que mais funcionou com a totalidade do povo alemão foi o slogan ‘a batalha pelo destino do povo alemão’ [*der Schicksalskampf deutschen Volkes*], cunhado por Hitler ou por Goebbels, e que tornou mais fácil o auto-engano sob três aspectos: sugeria, em primeiro lugar, que a guerra não era guerra; em segundo, que fora iniciada pelo destino e não pela Alemanha; e, em terceiro, que era questão de vida ou morte para alemães, que tinham de aniquilar seus inimigos ou ser aniquilados (ARENDDT, 1999, p. 65).

Ou seja, é preciso realizar a violência porque tal indivíduo não cabe nas minhas questões morais, por ter diferente religião ou sexualidade, ou até mesmo por ser um tom de pele diferente da do agressor, e eu preciso destruir esse indivíduo distinto, porque ele não pertence, e ele rompe paradigmas, e rompendo esses paradigmas ele pode querer mudar ou forçar seu estilo de vida para outras pessoas, e o anormal não pode se tornar normal.

PAULO FREIRE: COMO QUEBRAR O CICLO DA VIOLÊNCIA DA OPRESSÃO

Em Paulo Freire (1983) percebemos o mesmo ciclo de corrupção e violência humana e social, pois em sua teoria pedagógica, Freire afirma que o desejo de um oprimido é se tornar um opressor, pelo menos enquanto a sociedade continuar com sua natureza opressiva. Mas se a sociedade é o reflexo do homem, sua opressão e violência não são inerentes do reflexo de seus criadores? Não é a opressão, com toda a sua complexidade dialética, um problema tanto da sociedade quanto da instituição escolar, afetando e até comprometendo a qualidade do ensino?

Freire (1983) sugere uma solução, a do diálogo; a violência apenas cessaria se os oprimidos libertassem também seus opressores, essa libertação viria do diálogo com o conhecimento, no campo do debate, o que ele chama de pedagogia do oprimido. Em *Pedagogia do oprimido* (1983) Freire denuncia um tipo de violência que ele afirma não ser natural, e sim produzida por um sistema injusto e capitalista; é uma violência entre classes, aqueles que detêm o poder e são denominados opressores e aqueles que detêm apenas sua força de trabalho e são denominados oprimidos. “Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é porém, destino dado, mas resultado de uma ‘ordem’ injusta que gera a violência dos opressores e esta, o ser menos” (FREIRE, 1983, p. 30).

Mas essa não é a única forma de violência, os oprimidos por sua vez também são capazes de realizar grande violência, principalmente contra os opressores, é relação de ação e reação, onde os opressores realizam a violência para se manter no poder, e os oprimidos por sua vez cansados de serem explorados reagem de forma agressiva. “A violência dos opressores que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação – a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos” (FREIRE,

1983, p. 30-31). Os opressores temendo uma perda de poder, agem com uma falsa generosidade, uma que se baseia na mentira e ignorância.

Como pode ser notado, na pedagogia de Freire a violência apresenta uma característica cíclica, ou seja, como um círculo é uma relação sem fim, pelo menos assim parece ser no primeiro momento. “O grande problema está em como poderão os oprimidos, que ‘hospedam’ ao opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação” (FREIRE, 1983, p. 32). O que na verdade afirma Freire é que a luta de classes detém sim um fim apesar de sua aparência cíclica, é através da união dos oprimidos e uma pedagogia do diálogo que detêm a chave para quebrar esse ciclo de violências e instaurar uma sociedade mais estável. Porém antes de anunciar o que seria essa pedagogia do diálogo, Freire afirma que os oprimidos também devem tomar cuidado, porque são opressores em potencial, ou seja, Freire vê na natureza humana potencial de violência, pelo menos numa sociedade capitalista e dividida em classes há um potencial de oprimidos se tornarem os novos opressores e continuar o ciclo de violência. “Há algo, porém, a considerar nesta descoberta, que está diretamente ligado a pedagogia libertadora. É que, quase sempre, num primeiro momento deste descobrimento, os oprimidos em lugar de buscar a libertação, na luta e por ela, tendem a ser opressores também, ou subopressores” (FREIRE, 1983, p. 33).

Porém, os motivos de violência dos oprimidos mudam os motivos dos seus opressores. Enquanto a violência dos opressores foca em dominação do oprimido, através de vários mecanismos como alienação ou até violência física, a dos oprimidos é de uma busca, a busca de serem livres. “Enquanto a violência dos opressores faz dos oprimidos homens proibidos de ser, a resposta destes à violência daqueles se encontra infundida do anseio de busca do direito de ser” (FREIRE, 1983, p. 46). Essa posição de Freire mostra sua empatia com os oprimidos, e pode até conter uma certa verdade, já que a busca de ser livre muitas vezes é o motivo de vários atos violentos (podemos citar a Revolução Francesa ou a Revolução Russa como exemplos disso) e muitas vezes nessa busca de liberdade surge novas formas de opressão e perseguição.

Freire, porém, apresenta uma possível solução: a pedagogia do diálogo. Isso seria uma forma diferente de reeducar e entrar em contato com os oprimidos, enxergá-los não mais como seres ignorantes, incapazes de notar seu mundo, mas sim seres humanos com curiosidade e saberes próprios, e assim uni-los sob uma causa comum.

Se a pedagogia do diálogo é libertadora, a pedagogia bancária é seu oposto: esta pedagogia é uma forma de opressão, mesmo que o educador não tenha intenção de oprimir seu educando, pois trata o ensino como algo estático, sem vida, sem transformações. Portanto a educação também se transforma em algo estático, incapaz de causar transformação, os alunos são tratados como meros ignorantes sem vida ou conhecimento, e tudo que devem fazer é repetir o conhecimento que lhes é passado, decorar o que o professor passa no quadro e repetir como se fossem animais adestrados. “Quanto mais vá ‘enchendo’ os recipientes com seus ‘depósitos’, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente ‘encher’, tanto melhores educandos serão” (FREIRE, 1983, p. 66).

E os professores não são vistos como indivíduos que libertam os estudantes e sim que os aprisionam, mesmo sem querer, pois não são guias que permitem o conhecimento fluir com os alunos, e sim são seres que apenas dão conhecimentos em troca de algo, como se o conhecimento fosse um mero objeto que está à venda ou será emprestado, e o aluno deve de certa forma pagar para deter esse objeto, provavelmente através da decoração ou tirando boas notas na escola, enquanto aqueles que não realizam essa troca, são considerados como desobedientes, incapazes de aprender, e devem ser repreendidos, humilhados (muitas vezes na presença de seus iguais) e reeducados. “O educador, que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem” (FREIRE, 1983, p. 67).

Essa forma de educação exposta por Freire demonstra outro tipo de violência, não mais sendo caracterizado pelas ações individuais dos opressores, mas pelas ações das instituições. Isso revela que a violência nem sempre vem do ser individual e sim do coletivo ou das pressões sociais que os indivíduos detêm, o professor de humilhar seus alunos ou o patrão que humilha seus trabalhadores. Assim a violência ganha novas características e novas formas, não sendo mais um ato de brutalidade e barbárie, e sim uma necessidade ou um dever para manter a ordem ou o bem social. “Na verdade, o que pretendem os opressores é transformar a mentalidade dos oprimidos e não a situação que os oprime, e isto para que, melhor adaptando-os a esta situação, melhor os domine” (FREIRE, 1983, p. 69).

É uma forma de dominação alienante, onde o indivíduo é incapaz de pensar sobre si e o mundo à sua volta, e seu foco existencial é apenas o que lhe é passado de quem é considerado uma entidade maior, mais inteligente, mais sábio, ou apenas

com mais poder e dinheiro e *status*. “Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo como transformadores dele. Como sujeitos” (FREIRE, 1983, p. 68). Entretanto isso não é necessariamente verdade ou ameaçador, pois são meras construções sociais que podem, e devem, ser questionadas, mesmo que o objetivo não seja a transformação social, a única maneira de impedir essa violenta dominação é através do conhecimento crítico e dos questionamentos.

A violência, portanto, não é apenas um ato; ela é carregada de emoções e sentidos. Não levar isto em conta no ambiente escolar indica um despreparo em lidar com os tipos de violência que cada aluno inflige a si e a outros, e ao mesmo tempo sofre no ambiente escolar e social, do bairro, da casa (diga-se o mesmo dos demais agentes participantes desse ambiente). Considerar a violência em suas múltiplas possibilidades e formas de se dar como uma espécie de linguagem, mais até do que “só” acompanhada de alguma verbalização, parece permitir investigar de modo mais apropriado a natureza social de seu ato em toda a sua complexidade: que nega, pela agressão ao outro, sua existência ou expressão ao mesmo tempo que permite e viabiliza a afirmação de uma expressão de violência, ou ela mesma violenta, geralmente possibilitando os vínculos de pertença a algum grupo.

TIPOS DE VIOLÊNCIA

Meireles e Guzzo (2019) buscam entender os diversos tipos de violência que ocorrem dentro da sociedade, principalmente dentro da escola pública. É através das ideias de Martin-Baró (1990) e os ensinamentos da psicologia social e das questões sociais que eles buscam entender a violência não como sintoma da sociedade, mas a partir da visão dos indivíduos, nesse caso dos alunos.

Para isso os autores tiveram que realizar um mapeamento da escola, no sentido de entender o espaço escolar na visão do indivíduo, da comunidade e da própria instituição. Assim eles partem para uma pesquisa de campo, participando e acompanhando o processo escolar dos alunos, e que permite que esses alunos possam detalhar para os pesquisadores como enxergam a violência e os tipos de violências que ocorrem dentro da escola.

Para entender todo esse processo é preciso primeiro entender o que os autores junto com Martin-Baró (1990) chamam de substantivação da violência, ou seja, mais que uma ação, trata-se de entender a violência como um conjunto de emoções e até razões para que tal ato venha acontecer. Portanto a violência deve ser substantivada para entender sua natureza em si. Assim, Martin-Baró (1990) divide a violência em quatro partes a serem entendidas e analisadas: a estrutura formal do ato; a equação pessoal, o contexto possibilitador e o fundo ideológico.

A primeira parte, a estrutura formal do ato, é para entender se a violência foi utilizada para um fim ou por uma natureza instrumental, que é usada para alcançar algo. A violência se tornou um “método fácil” de se resolver situações, principalmente por estar numa sociedade desigual onde o diálogo não prevalece. O contexto possibilitador é um fator que pode ser dividido em dois fatores, um contexto social e um contexto imediato, é o que permite a violência acontecer. E, por fim o fundo ideológico, que representa as razões e as justificativas do ato, podendo muitas vezes essa ação violenta ser discriminada ou permitida, dependendo do indivíduo ou da instituição que detêm algum tipo de poder, é o caso das igrejas que determinam que matar é pecado, mas muitas vezes recriminam outras religiões ou indivíduos LGBTs.

Os resultados das pesquisas realizadas foram divididos em dois grupos, um grupo tratava dos tipos de violência enquanto o outro tratava dos sentidos das violências. As primeiras violências mencionadas são o autoflagelo, ou seja, o ato de se cortar ou infligir um machucado; e o que eles denominaram como violências interpessoais.

Sobre o autoflagelo foi notado que são casos raros, mas não menos perigosos ou violentos, muitas vezes representam um ato violento ou consequência de uma violência maior e externa. O que leva o indivíduo a se machucar na busca de alívio, o que pode ser considerado uma forma de escapar da dor.

Nas violências interpessoais novamente há uma divisão, pois são violências diversas e até mais frequentes. Foram divididas em três grupos: violência doméstica; violência interpessoal cotidiana; e delitos. Cada tipo de violência detém características únicas, a violência doméstica representa a violência dentro da família; violência cotidiana representa a violência do bairro ou da escola; e os delitos representam os crimes.

Na violência doméstica foram identificadas: abuso de autoridade; negligência parental (no aspecto emocional ou/e de cuidados físicos); agressão entre irmãos;

agressão de pais contra filhos; e violência de gênero, sendo principalmente entre parceiros e as mulheres como principais vítimas. São violências muito recorrentes, e, portanto, acabam se tornando naturalizadas entres os estudantes.

Na violência interpessoal representa as violências dos cotidianos dentro da escola ou do bairro, foram constadas com bastante frequência as seguintes violências: atos preconceituosos (principalmente racismo e homofobia); injustiça (quando problemas cotidianos na escola são encaminhados de forma injusta); violência virtual (exposição de estudantes nas redes sociais); abuso sexual (meninos que apalpam as meninas contra sua vontade); violência de gênero (manifestação de machismo nas falas dos meninos); violação de acordos coletivos; Bullying; agressão verbal e agressão física.

Entre essas as mais frequentes foram a do *bullying*, agressões verbais e físicas. O *bullying* remete muito à exclusão do indivíduo muitas vezes por uma característica física ou psicológica, o que pode resultar também em perseguições e agressões físicas e verbais tanto dentro como fora da escola, alcançando até o ambiente virtual. As agressões físicas e verbais apesar de já mencionadas, são frequentes em várias relações dos estudantes, não só daqueles que são excluídos, eles também são mais frequentes, as violências verbais geralmente vem em tons de ameaça e ofensas, e estão presentes em três situações: provocações e brigas; desrespeito entre os alunos; e o desrespeito na relação aluno-professor. As violências físicas acabam sendo naturalizadas e podem apresentar uma expressão de lazer e entretenimento, muitas brigas não são separadas e as vezes são incentivadas pelos outros alunos, o que pode aumentar o risco entre os agressores se ferirem gravemente.

Os delitos também aparecem, muitas vezes são as violências interpessoais penalizadas pelas leis, são os casos de abuso sexual, latrocínio, homicídio, assalto e porte de armas. Os mais frequentes ganham destaque para os pesquisadores sendo elas o abuso sexual e o homicídio: o abuso sexual são muitas vezes crianças e adolescentes que relataram ter presenciado ou sofrido algum tipo de abuso dentro de suas próprias comunidades; enquanto o homicídio está presente tanto na mídia quanto no bairro onde vivem.

Todos esses tipos de violência representam seus próprios sentidos e expressões emocionais, por isso foram divididos em categorias tais como: euforia, fatalismo, tristeza, medo, indiferença, compaixão, vergonha e humilhação. Foram

destacados desse grupo a euforia, que representa a violência como modo de lazer e entretenimento invés de algo perigoso; o fatalismo que representa a descrença dos estudantes; e a tristeza que aparece como mais comum em relação a violência.

Esses sentidos também levam a entender as razões da violência, do porquê de elas ocorrerem, sendo que foram destacados pelos autores:

Desvalorização – com relação ao espaço físico da escola, é supostamente permitido destruir aquilo que já está degradado; Ciúmes – nos relatos, são sempre por parte do homem, e pode-se sugerir que é comum ocorrer casos de violência contra a mulher por este motivo no cotidiano desses estudantes; Impunidade – muitas vezes os estudantes declaram agir como querem, por sentirem que seus atos não terão qualquer consequência; Prazer/alívio – quando a violência se torna motivo de riso e diversão, e o alívio aparece no discurso das estudantes como motivo do autoflagelo; Reconhecimento – quando as ações violentas têm origem em desafios de outros colegas. Estas situações criam uma tensão, onde o estudante fica pressionado entre ganhar reconhecimento dos demais colegas, ou o contrário: virar alvo de chacotas, pois não foi corajoso ou forte o suficiente para realizar o desafio; Razões econômicas: Uma estudante expressa a compreensão de que a pobreza pode ser uma razão pela qual as pessoas roubam; Competição – em situações que tem início ou se desenvolvem ao longo dos jogos de futebol. Pelo fato deste esporte ter um lugar importante na vida da maioria dos estudantes, é muito comum se irritarem ou se ofenderem em meio ao jogo, ou após seu término. [...] Brincadeira – muitas das situações de ofensas verbais e agressões físicas (mais leves) são apontadas pelos estudantes como uma forma de brincadeira entre eles: “Eles discutem entre si algumas vezes, se ameaçando, e se acusando, mas sempre num tom de brincadeira. Às vezes penso que estão prestes a brigar, e de repente estão rindo da situação”. [...]. Revide – a grande maioria dos casos de agressão na escola é causada pelo revide, isto é, os estudantes alegam responder a uma agressão ou brincadeira desagradável realizada contra eles. Preconceito - apesar de ser também apontado como um tipo de violência em si, o preconceito é também mencionado pelos estudantes como a motivação para realizar atos violentos, em três formas: racismo, homofobia e preconceito de classe (MEIRELES; GUZZO; 2019; p. 12-13).

A violência, portanto, não é apenas um ato; ela é carregada de significados e sentidos. Não levar isto em conta no ambiente escolar indica um despreparo em lidar com os tipos de violência que cada aluno inflige a si e a outros, e ao mesmo tempo sofre no ambiente escolar e social, do bairro, da casa (diga-se o, mesmo dos demais agentes participantes desse ambiente). Considerar a violência em suas múltiplas possibilidades e formas de se dar como uma espécie de linguagem, mais até do que “só” acompanhada de alguma verbalização, parece permitir investigar de modo mais apropriado a natureza social de seu ato em toda a sua complexidade: que nega, pela agressão ao outro, sua existência ou expressão ao mesmo tempo que permite e viabiliza a afirmação de uma expressão de violência, ou ela mesma violenta, geralmente possibilitando os vínculos de pertença a algum grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos a compreender que a violência não é apenas um ato extremista, mas algo mais complexo, desde sua presença na natureza humana, até sua estruturação nas instituições vigentes dentro da sociedade. Com essa pesquisa bibliográfica não apenas pude responder todas as questões e objetivos que haviam sido lançadas, mas também abrir novos caminhos para futuras pesquisas e novos questionamentos.

E ainda há a presença das diversas formas de violência dentro da escola, as automutilações, o *bullying*, o pai que bate nos filhos, ou agride seus parceiros, todas essas formas carregam sentidos diferentes, mas todos parecem exercer um ponto em comum, controle ou poder. Portanto mesmo que a violência seja uma ação complexa ela parece demonstrar um sentido, ou significado, simples; significados como poder e controle, liberdade, domínio, e até sentimentos como raiva, tristeza, ódio, nos leva a entender melhor o indivíduo, e aprender sobre ele, e como podemos prevenir a violência. Mas com cuidado, uma coisa é a prevenção, nunca seremos capazes de impedir a violência, até porque essa faz parte de nossa natureza, do nosso próprio ser.

Concluindo, não com uma afirmação, mas um pedido e esperançoso, espero que essa pesquisa possa influenciar muito as pessoas que tentam entender mais sobre o ser humano, e tentam constantemente prevenir a violência, que possamos reeducar os indivíduos que a praticam, e ajudar as vítimas a se recuperar dessas ações extremas, e que essa pesquisa influencie mais pesquisas em torno do tema, pois ainda é preciso descobrir muito sobre as diversas formas de violência presente em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

ARENDRT, H. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre banalidade do mal*. São Paulo: Companhia de Letras. 1999

CASSIRER, E. *Linguagem e mito*. São Paulo: Perspectiva. 1985.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir [Surveiller et Punir]*. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GAY, P. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia de Letras, 1989.
HOBBS, T. *Do cidadão*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

MARTÍN-BARÓ, I. *Violencia y agresión social*. In: *Acción e ideología*. San Salvador: UCA, 1990: 359-419.

MEIRELES, J. GUZZO, R. S. L. violência substantivada: perspectiva de estudantes de uma escola pública. *Psicologia & Sociedade*, 31, 2019: 1-16.

PICCOLI, L. M.; LENA, M. S.; GONÇALVES, T. R. Violência e sofrimento social no contexto escolar: um estudo de caso em Porto Alegre, RS. *Saúde e Sociedade*. v.28, n.4, p.174-185, 2019.

WEBER, M. *Conceitos básicos de sociologia*. São Paulo: Moraes, 1987.

Filmes

THE mask you live in. Direção Jennifer Siebel Newsom. EUA. 2015.